

Empreendedorismo, Cultura e Diversidade: a Participação dos Empreendedores Negros nas Atividades Empreendedoras no Brasil no Período de 1990 à 2008

Josiane Silva de OLIVEIRA (UEM)

Márcia Cristina David de SOUZA (UEM)

Jaiane Aparecida PEREIRA (UEM)

Resumo

O objetivo desse artigo é discutir como as categorias sociais brasileiras têm influência direta na dinâmica e no perfil dos empreendedores brasileiros. Considerando a complexidade da temática limitamos o estudo aos aspectos das relações étnicas brasileiras, focada nas questões dos empreendedores negros. Para tanto, foram coletados dados sobre a participação dos negros nas atividades empreendedoras no país do ano de 1990 à 2006. Os resultados da pesquisa evidenciam aspectos das relações étnicas brasileiras serem um obstáculo aos empreendedores negros para estabelecer e manter empreendimentos, influenciando as relações destes com fornecedores, clientes, concorrentes e funcionários. Assim, a formação de redes de empreendedores negros pode ser uma alternativa de fortalecimento de atuação desta população na economia, onde além de auxiliar as atividades de comércio no mercado interno no Brasil, pode fomentar a internacionalização comercial proveniente de seus empreendimentos associados.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre empreendedorismo ainda não estabeleceram paradigmas dominantes ou conceituações universais para esta área, sendo os estudos adaptados às localidades específicas ou relacionados a categorias sociais ainda incipientes. Sobre o estudo dos atores principais do empreendedorismo, os empreendedores, as perspectivas dominantes são aquelas que abordam aspectos de sua influência na dinâmica econômica dos países, baseados em Schumpeter (1982) e Drucker (1986). Nos estudos com foco em aspectos comportamentais predominam as proposições de Mclland e, numa visão mais crítica, estão emergindo trabalhos com base na influência social apresentado por Young (Oliveira e Guimarães, 2003). Nessa perspectiva de influencia social nas atividades empreendedoras pesquisas como de Farchild (2009; 2008) visam compreender como fatores geográficos, de grupo e étnicos interferem no comportamento empreendedor. Especificamente sobre cultura e diferenças étnicas como fatores relevantes na decisão de empreender estes são predominantes na literatura norte americana, onde trabalhos desenvolvidos por Musterd (2005), Cluter, Glaeser e Vidgor (1999) e Massey e Fischer (2000) contribuem para essas discussões.

Ao abordarmos estudos sobre empreendedores no Brasil, devemos considerar que a estratificação social marcante no país tem influenciado profundamente aspectos desta área sendo, portanto, necessário reconhecê-la para compreendermos como este fenômeno ocorre no país. Este trabalho tem por objetivo discutir como as categorias sociais brasileiras têm influência direta na dinâmica e no perfil dos empreendedores brasileiros. Considerando a complexidade desta temática limitamos o estudo aos aspectos das relações étnicas brasileiras, focada nas questões dos empreendedores negros. Para atender a este objetivo o trabalho é desenvolvido em duas partes, onde a primeira são discutidos estudos sobre empreendedorismo e algumas das principais definições que estão sendo debatidas nesta área, apresentando, conseqüentemente, discussões de perspectivas de abordagens sobre o perfil dos empreendedores.

No segundo momento dessa pesquisa apresentamos o entendimento de empreendedorismo e sua relação com abordagens sobre diversidade social, buscando compreender como as categorias sociais podem influenciar especificidades de estudos sobre o perfil de empreendedores brasileiros, ainda incipientes nas abordagens com relação à população negra. O estudo de Paixão (2003) é utilizado como base de dados secundários para este trabalho por representar o maior estudo sobre o perfil de empreendedores negros realizados no Brasil. Associado a isso, para melhor compreensão desta temática, buscamos relacionar alguns destes dados ao estudo do GEM (2009).

Os resultados evidenciaram, a partir das informações coletadas, que os empreendedores negros possuem as mesmas dificuldades de outros empreendedores no Brasil, porém as questões étnicas também estão influenciando na dinâmica deste empreendimento, imputadas na captação de recursos, relação com fornecedores, clientes e com funcionários. Podemos reconhecer também que os empreendedores negros estão fortalecendo suas parcerias em redes de integração, conduzindo-os ao início de um processo de internacionalização de seus empreendimentos através, em especial, de sua principal organização a ANCEABRA (Associação Nacional dos Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros).

Propomos, com este debate, buscar evidências que possam nos permitir compreender como as categorias sociais brasileiras, e suas formas de relação, influem no estabelecimento de empreendimentos e no perfil dos empreendedores brasileiros. Desse modo, propomos aos

estudos sobre a diversidade no empreendedorismo uma maior amplitude de discussões, tendo por base as características e as nuances da formação sociocultural brasileira.

2 DISCUSSÕES SOBRE ESTUDOS DE EMPREENDEDORISMO

Definir é sempre uma tarefa a ser desenvolvida de maneira articulada, pois implica também em excluir e, numa sociedade em que a informação é essencial, selecionar o que é adequado ou não para determinado contexto acaba se tornando uma tarefa complexa. Por isso, definições sobre empreendedorismo não são um consenso entre as diversas áreas em que se pautam seus estudos, sejam eles econômicos, sociais ou psicológicos, sendo algo em constante mudança e evolução. Neste sentido, buscamos apresentar definições de empreendedorismo que sejam mais debatidos neste campo de estudos.

Para Baron e Shane (2007) o empreendedorismo é uma atividade executada por indivíduos específicos que envolvem ações-chave de identificação de oportunidades e atividades para explorar e aplicar comercialmente algo novo. Longenecker et al. (2007) afirma neste sentido, que uma oportunidade não será vista de forma igualmente atraente para todas as pessoas, isto envolve interesse, recursos e capacidade do empreendedor para obtenção de sucesso. Schumpeter (1982) assinala o empreendedorismo como sendo o motor da dinâmica capitalista, já que cabem a este fenômeno as inovações necessárias para a manutenção do espírito competitivo, característica do sistema capitalista.

Numa abordagem comportamentalista o empreendedorismo deve ser entendido como um processo que envolve etapas desde a infância até a vida adulta dos indivíduos. Esta perspectiva teórica acredita reconhecer o comportamento humano a partir de algo que pode ser observável, sendo através da construção de ambientes controláveis possível determinar o comportamento humano (LIMA; LEITE FILHO, 2008).

Fillion (1999) busca compreender o que faz um indivíduo um empreendedor, indicando que este processo ocorre do contato durante a vida com pessoas com características empreendedoras essenciais para se fortalecer este processo. Birley e Muzyka (2001) consideram a existência dos empreendedores como relacionados objetivamente a exploração de uma oportunidade, sendo este processo com características contínuas exercidas pelo empreendedor durante toda a sua vida.

Neste contexto, observamos que nos estudos de empreendedorismo, mesmo naqueles focados na figura do empreendedor, não podemos deslocá-lo de seu contexto social para compreender como este fenômeno ocorre. Assim, mesmo aqueles indivíduos com características empreendedoras não estão imunes às pressões sociais, podendo estas fortalecer ou diminuir as possibilidades de sucesso do empreendimento (TSUI AUCH, 2005).

Dessa forma, estas abordagens vêm contribuir para uma visão mais atenta nas questões sociais, como fatores igualmente importantes na compreensão do fenômeno do empreendedorismo. Estudos que buscam evidenciar a estrutura social têm começado a emergir nos estudos brasileiros, no intuito de se reconhecer como as constituições sociais do país influem tanto no reconhecimento de oportunidades, quanto no perfil do empreendedor brasileiro e da constituição de suas relações com a sociedade (PEDROSO; MASSUKADO, 2008; PARDINI; BRANDÃO, 2007; GOMES et al., 2008).

3 DISCUTINDO “PERFIL” EMPREENDEDOR

Os estudos sobre empreendedorismo têm em sua essência as bases do capitalismo, onde o indivíduo dotado de qualidades intrínsecas é capaz de apreender de sua realidade uma oportunidade de negócios que seja capaz de lhe trazer sucesso e provocar alguma mudança no ambiente ao qual está inserido (BARON; SHANE, 2007; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; SCHUMPETER, 1982). Neste contexto, as relações sociais, as políticas estatais acabam por também exercerem um papel importante no desenvolvimento do empreendedor por serem tanto fonte de suas aspirações, quanto de recursos necessários para a viabilização de seu empreendimento.

As raízes econômicas do empreendedorismo partem da figura do empreendedor numa perspectiva individual. Esse indivíduo é o símbolo do sucesso capitalista, por conseguir superar barreiras sócio-econômicas, implementando seu sonho de negócio de forma sustentável e lucrativa. Esse espírito empreendedor é encontrado nos estudos de Schumpeter (1982) e de Drucker (1986).

Os estudos de Schumpeter (1982) e de Drucker (1986) tem raízes nos estudos econômicos refletidos na construção de suas visões do empreendedor. Esse indivíduos seria a base da inovação necessária no sistema capitalista, interferindo diretamente na dinâmica do mercado, pelo processo inovador que promove. O perfil do empreender está associado à capacidade de assumir riscos moderados, a criatividade e ao desenvolvimento econômico, por implementar mudanças inovadoras em seus ambientes de atuação. Esta visão, centralizada na figura do empreendedor no fenômeno empreendedorismo, reconhece a importância do ambiente econômico na construção tanto do processo de inovação, quanto na formação dos próprios empreendimentos, mas dependente das características individuais das pessoas que decidem empreender.

Outra importante perspectiva de estudos sobre empreendedorismo está na área comportamental, reconhecendo além das bases econômicas as características do comportamento do empreendedor, distinguindo-os das demais pessoas. Estes estudos se baseiam em pesquisas que visam estabelecer traços de personalidade e de comportamentos empreendedores. Como apresentado por Longenecker (2007) e Mitchell (2004) as recompensas esperadas pelo empreendedor ao estabelecer o seu negócio estão relacionadas à necessidade de independência, de liderança, liberdade e a satisfação pessoal.

Numa perspectiva crítica a construção de discussões sobre o perfil empreendedor são consideradas questões do ambiente social e do histórico de vida individual das pessoas, nas quais a motivação para empreender são construídas. Sendo assim, a decisão de empreender não nasce de uma característica individual, mas de uma série de fatores de influências sofridas pelas pessoas que as conduzem para este processo (FARCHILD, 2008; MUSTERD, 2005).

Essas variáveis podem tanto fomentar como restringir a decisão de empreender, onde fatores negativos como desemprego, imigração, também auxiliam nas construções de elos responsáveis pela sua leitura social responsáveis pela tomada de decisão de abrir ou não uma empresa. Essa perspectiva trabalha com a necessidade de compreender vários fatores sociais, econômicos, políticos e individuais que não podem ser analisados individualmente, ou mesmo estratificados para se compreender o perfil do empreendedor.

De acordo com Oliveira e Guimarães (2003) as redes de relacionamento desenvolvem também um papel muito importante neste contexto ao proporcionar, de maneira solidária, estruturas para implementação e manutenção dos empreendimentos. Os estudos sobre este tipo de redes vêm aumentando na literatura e Hoang e Antonic (2003) fazem uma discussão

deste tema, apresentando a partir de uma revisão dos artigos desta temática, discussões sobre conteúdo, governança e estrutura social destas redes. Smith e Lohrke (2008) também desenvolvem um estudo sobre a confiança no estabelecimento das redes de empreendedores, apresentando modelos de estudo desta temática.

É importante reconhecer que as políticas públicas têm um papel fundamental neste processo, tanto nas questões de fomento, fortalecimento e quiçá de internacionalização destas empresas, em geral pequenas e médias, além de sua importante participação no desenvolvimento local de onde estão inseridas, bem como a estrutura do espaço geográfico onde estão inseridas influenciam essa dinâmica (FARCHILD, 2009). Nesta perspectiva, as influências sócio-econômicas na definição e na concepção dos perfis empreendedores se tornam importantes. O sucesso ou o insucesso dos empreendimentos não são colocados crucialmente nas questões individuais, mas também nos obstáculos estabelecidos em seu meio de atuação, que podem limitar as ações e as decisões do empreendedor. Reconhece-se que até o espírito inovador capitalista tem suas limitações de influência e de atuação social.

No Brasil, estudos que abordam o perfil do empreendedor também estão saindo de abordagens focadas em aspectos individuais, e se voltam aos aspectos característicos de nossa sociedade. Em um estudo desenvolvido por Pedroso e Massukado (2008) os autores trabalham a relação do jeitinho brasileiro com o perfil empreendedor no país. Estas abordagens são importantes na medida de se conseguir reconhecer a multiculturalidade e os aspectos sociais característicos do país que fomentam e limitam as ações empreendedoras, como também os aspectos sociais e políticos voltados a este setor da economia.

4 EMPREENDEDORISMO E DIVERSIDADE

Muitos artigos publicados nos últimos anos abordam a o perfil dos empreendedores no Brasil, sem dedicar a esta temática estudos que demonstram a diversidade característica da população brasileira (GOMES et al., 2008; LEMOS; FREGA; SOUZA, 2008). Tomemos como definição de diversidade a apresentada por Nkomo e Cox Jr. (1998, p. 335):

“...pessoas com identidades grupais diferentes dentro do mesmo sistema social. A diversidade se referencia a situação onde os atores de interesse não são semelhantes em relação a algum atributo.”

Assim, um dos principais pontos a serem considerados em estudos que abordam a diversidade é em que aspectos os atores envolvidos não são semelhantes. Neste estudo, a ênfase será nas relações étnicas brasileiras, tomando como referencial as questões relacionadas aos negros.

Quando abordados, estudos sobre diversidade em empreendedorismo no país se focam em questões de gênero ou idade (Machado et al, 2000; Cassol et al., 2007) sem considerar outros atributos de diferenciação, como por exemplo, as questões étnicas. Hisrich e Peters (2004) assinalam que os estudos sobre empreendedorismo definidas sob a perspectiva de raça ou étnica são esporádicas, sendo que a principal dificuldade está em compreender como estes grupos se diferenciam na captação de oportunidades em seu meio social, assim os estudos acabam se focando nas características do grupo em estudo. Esta temática se torna importante no país ao considerarmos que aproximadamente 46% da população brasileira é composta por negros ou pardos (IBGE, 2008), e poucos estudos são relacionados sobre as questões dos

empreendedores negros no Brasil.

Em um estudo desenvolvido por Paixão (2003), o autor faz um levantamento sobre a quantidade de estudos e a perspectiva teórica adotada por estes, sobre o empreendedorismo das pessoas negras no país. Paixão (2003) considera que além das questões sobre o mito da igualdade racial, os poucos estudos sobre os empreendedores negros são encarados com muita ressalva pelos acadêmicos que estudam este setor.

O autor então, afirma ter realizado um estudo abordando nos últimos trinta anos quantos trabalhos se focaram no tema empreendedores negros, apresentando que os estudos de abordagem desta temática estavam relacionados às questões de mercado de trabalho, dependendo poucas discussões sobre os empreendedores negros. Mesmo em estudos de institutos de pesquisas poucos dados são levantados neste setor para buscar compreender como a estratificação social do país influi na percepção e estruturação de novos negócios (PAIXÃO, 2003).

Neste contexto, quando Paixão (ibidem) analisa pesquisas qualitativas, apresenta que conseguiu identificar apenas três estudos que trabalharam nesta perspectiva. A primeira em 1997 quando Damasceno entrevistou quatro mulheres, duas brancas e duas negras, entre 1992 e 1995, onde uma das entrevistadas negras, dona de um escritório de contabilidade, relatou como a discriminação racial cordial no Brasil acaba por ser um dos obstáculos para o estabelecimento de empreendedores negros.

O segundo estudo foi de Figueredo (*apud* PAIXÃO, 2003) que entrevistou vinte e cinco profissionais negros com ensino superior e rendimento acima de doze salários mínimos, onde reconheceu que esta ascensão social elevava a auto-estima desses indivíduos, e não o estabelecimento de um processo de embranquecimento, defendido por muitos autores. A pesquisadora ainda revelou em seu estudo os efeitos perversos da dita discriminação racial cordial brasileira nos empreendedores negros e no exercício de suas profissões.

O terceiro estudo foi realizado por Monteiro (*apud* PAIXÃO, 2003) que após mapear quarenta empreendedores negros, realizou entrevistas com nove destes, sendo um médio, três pequenos e cinco microempresários. Seu intuito era tentar compreender as dificuldades em se tornar um empresário negro, onde analisou as relações destes com seus clientes, fornecedores, com o sistema financeiro, concorrentes e funcionários, tentando entender as compreensões daqueles agentes econômicos com suas próprias atividades, o associativismo e com o movimento negro.

O estudo conclui que estes empreendedores tinham as mesmas dificuldades de outros pequenos empreendimentos, mas em muitos momentos tiveram, conscientes ou não, problemas por causa das relações étnicas, o que na opinião do autor trouxe a estes empreendedores mais um desafio no exercício de empreender. Essa pesquisa ainda demonstrou que o fato de ser negro trouxe problemas relacionados à captação de recursos, em especial porque a maioria da população negra é pobre o que dificulta a capitalização própria ou familiar. Além disso, essas dificuldades também são apresentadas no acesso a crédito bancário, nas relações com fornecedores, com clientes e até mesmo conflitos com funcionários. Estes conflitos étnicos acabavam por desestimular os entrevistados a continuar seus empreendimentos.

5 PARTICIPAÇÃO DOS EMPREENDEDORES NEGROS NAS ATIVIDADES EMPREENDEDORAS NO BRASIL

O estudo de Paixão (2003) construiu um mapa de evolução dos empreendedores no país durante os anos de 1990 a 1999, sendo finalizado e divulgado no ano de 2003. Muitos destes dados serão apresentados e debatidos neste estudo, associados a dados mais recentes do GEM (2009) e do IBGE (2008) refletindo a necessidade de políticas públicas voltados aos empreendedores negros, no intuito de diminuir as diferenças sócio-econômicas no Brasil.

Paixão (2003) ao desenvolver sua pesquisa sobre o perfil dos empreendedores negros no Brasil agrega a este conceito as categorias de trabalhadores por conta própria e os empresários. Neste trabalho, iremos restringir estes dados a apenas os relacionados aos empresários, por considerar este o mais próximo da definição de empreendedor encontrado na literatura acadêmica e já discutida anteriormente nesse artigo.

Como já discutido anteriormente, nas poucas pesquisas qualitativas voltadas a compreensão do perfil de empreendedores negros, além de todas as dificuldades de abertura e manutenção de um empreendimento, os negros se deparam com o desafio de superar as desigualdades étnicas de nosso país. Esses fatores afetam suas relações em vários aspectos como, por exemplo, com clientes, fornecedores, funcionários e na captação de recursos de terceiros pra financiar suas atividades.

Num estudo realizado nos Estados Unidos, como exemplo, o número de empresas fundadas por afro-americanos na década de 1990 cresceram 46% enquanto, em geral, este tipo de negócio cresceu 26%. Em termos de vendas as empresas onde os dirigentes são negros neste país cresceram 63%, enquanto em termos gerais este crescimento foi de 50% (HISRICH; PETER, 2004).

Quando decompos os dados de pesquisas no Brasil sobre empreendedorismo e diversidade, em relação aos negros, como os de Paixão (2003), GEM (2009) e IBGE (2008), em termos de gênero e raça, as mulheres negras apresentam os menores percentuais de representatividade neste setor. O gráfico 1 apresenta a participação de brancos e negros nas atividades empreendedoras no Brasil no ano de 1992, onde ocorre expressiva participação dos homens brancos (62,6%), sendo que os percentuais de representatividade de mulheres brancas (16,2%) e homens negros (17,7%) são próximos. Sendo assim, podemos apreender que há evidências da etnia apresentar importante componente das dificuldades dos indivíduos estabelecerem empreendimentos. Esses dados são corroborados pela pesquisa do IBGE (2008) realizada no ano 2000.

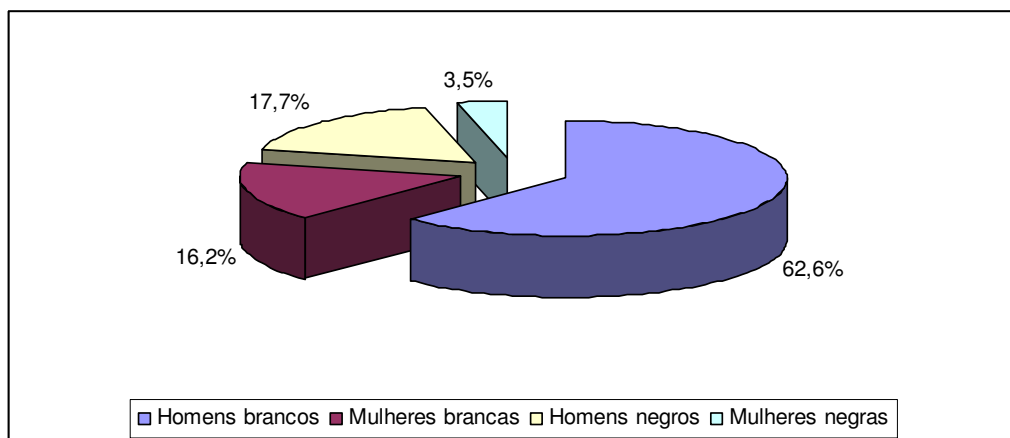


Gráfico 1 – Composição de gênero e raça dos empregadores brasileiros no ano de 1992

Fonte: Paixão (2003)

O gráfico 2 apresenta os dados referentes a composição de gênero e raça dos empreendedores brasileiros realizado pelo censo do ano 2000, que se referem as informações mais recentes disponibilizadas pelo instituto sobre essa temática. Como pode ser observado na exposição desses dados é que ainda ocorre a predominância dos homens brancos como empreendedores (58%), sendo que a participação das mulheres brancas apresenta um significativo aumento em relação a década de 1990 e está em 21%. Dessa forma, as evidências dos dados apresentados por Paixão (2003) de que as questões étnicas são sobrepostas as questões de gênero nas atividades empreendedoras no Brasil são corroboradas, pois o percentual de homens negros nessas atividades é de 14%, índice inferior aos das mulheres brancas, e as mulheres negras apresentam esse percentual em 4%.

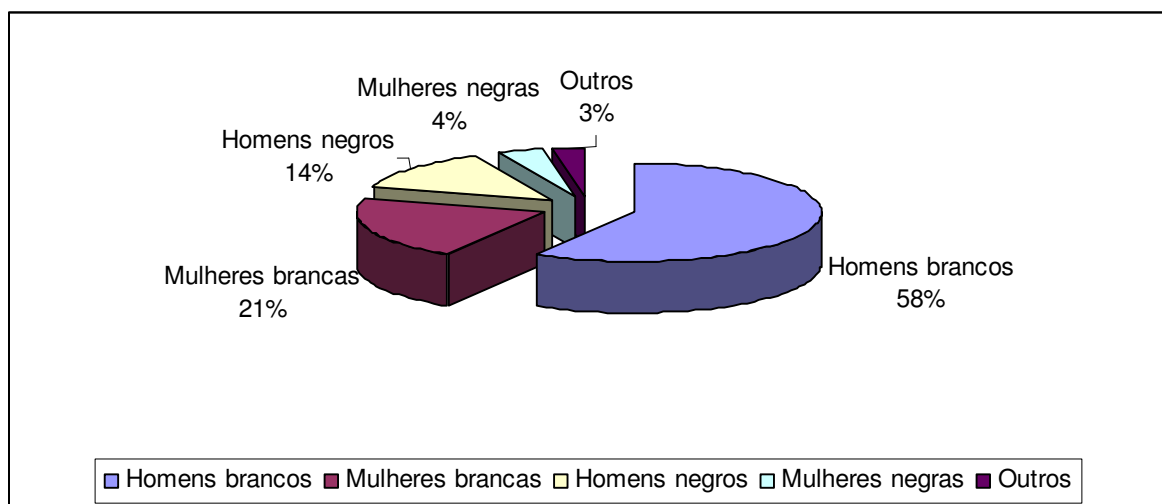


Gráfico 2 – Composição de gênero e raça dos empreendedores no ano 2000

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008)

Os dados apresentados por Paixão (2003) e pelo IBGE (2008) apresentaram-se em consonância com o estudo do GEM (2009), exposto na tabela 1, onde também assinala que proporcionalmente ao número de empreendimentos criados no país, os homens são a maioria dos empreendedores, seja ao estabelecer seus empreendimentos por oportunidade de mercado, ou por necessidade. Porém, não podemos comparar os dois estudos nos dados desagregados

em termos de raça/etnia, pois este estudo não pesquisa dados sob estas categorias sociais.

Tabela 1 – Composição de gênero dos empreendedores brasileiros

| | Motivação para empreender | |
|-----------|---------------------------|-------------|
| | Oportunidade | Necessidade |
| Feminino | 48,7% | 43,6% |
| Masculino | 51,3% | 56,4% |

Fonte: Global Entrepreneurship Monitor (2009)

Segundo dados do ANCEABRA - Associação dos Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros - (2008) atualmente os negros correspondem a 3,8% dos empregadores no Brasil e, segundo dados dos IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- (2008) a população negra corresponde a 47% dos brasileiros. Esses dados nos remete a refletir sobre até que ponto ser empreendedor é uma questão apenas de características individuais. A tabela 2 apresenta o percentual de empreendedores no Brasil a partir das categorias gênero e raça e suas respectivas representatividades por região geográfica.

Tabela 2 – Composição de gênero e de raça de empreendedores nas regiões geográficas brasileiras

| | Região geográfica | | | | |
|-------------------------|-------------------|----------|---------|--------|--------------|
| | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul | Centro oeste |
| Homens brancos | 37, 63% | 41, 24% | 62, 44% | 69% | 55, 25% |
| Homens pardos | 35, 47% | 29, 33% | 7, 84% | 2, 64% | 17, 6% |
| Homens negros | 3, 06% | 2, 6% | 1, 11% | 0, 53% | 1, 39% |
| Mulheres brancas | 12, 23% | 15, 66% | 22, 42% | 25% | 18, 57% |
| Mulheres pardas | 9, 07% | 9, 19% | 2, 25% | 0, 58% | 4, 64% |
| Mulheres negras | 0, 37% | 0, 67% | 0, 3% | 0, 13% | 0, 3% |
| Outros | 2% | 1% | 4% | 2% | 2% |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008)

Quando estes dados foram decompostos por regiões, representados na tabela 2, percebemos que na região nordeste ocorre um percentual maior de mulheres negras empreendedoras (0,67%) e a região norte com o maior índice de homens negros empreendedores (3,06%), em relação aos dados de outras regiões geográficas brasileiras. Uma das respostas para essa constatação pode estar vinculada ao percentual da população negra que é maior naquelas regiões, ampliando as possibilidades de ocuparem este espaço social. Por exemplo, na região metropolitana de Salvador na Bahia este percentual chega a aproximadamente a 80% (IBGE, 2008). O gráfico 3 apresenta a relação entre o percentual de empreendedores, com base nas categorias de gênero e de raça, em relação aos dados demográficos da região nordeste, onde reside a maior amplitude da população negra no Brasil.

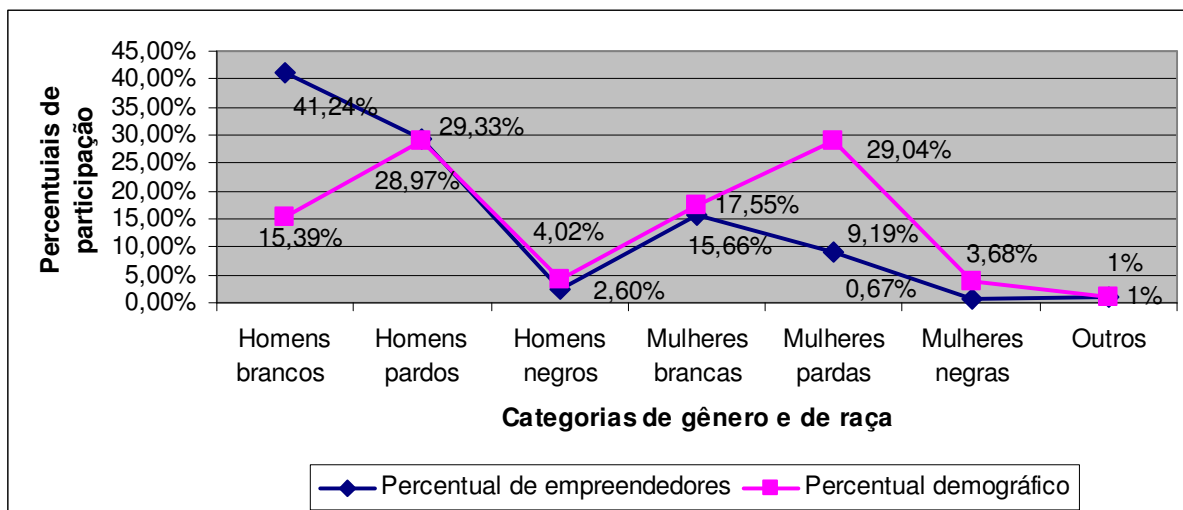


Gráfico 3 – Composição de empreendedores por gênero e raça em relação aos percentuais demográficos na região nordeste brasileira

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008)

Na região Sul os percentuais de negros e negras empreendedores caem significativamente, parte pela menor presença populacional destes nestas localidades, parte por outras discussões sociais. O percentual da população negra empreendedora, agrupando homens e mulheres, é de aproximadamente de 0,63% (IBGE, 2008). A predominância é de homens brancos ocupando este espaço social, observado nos dados expostos nos gráfico 4.

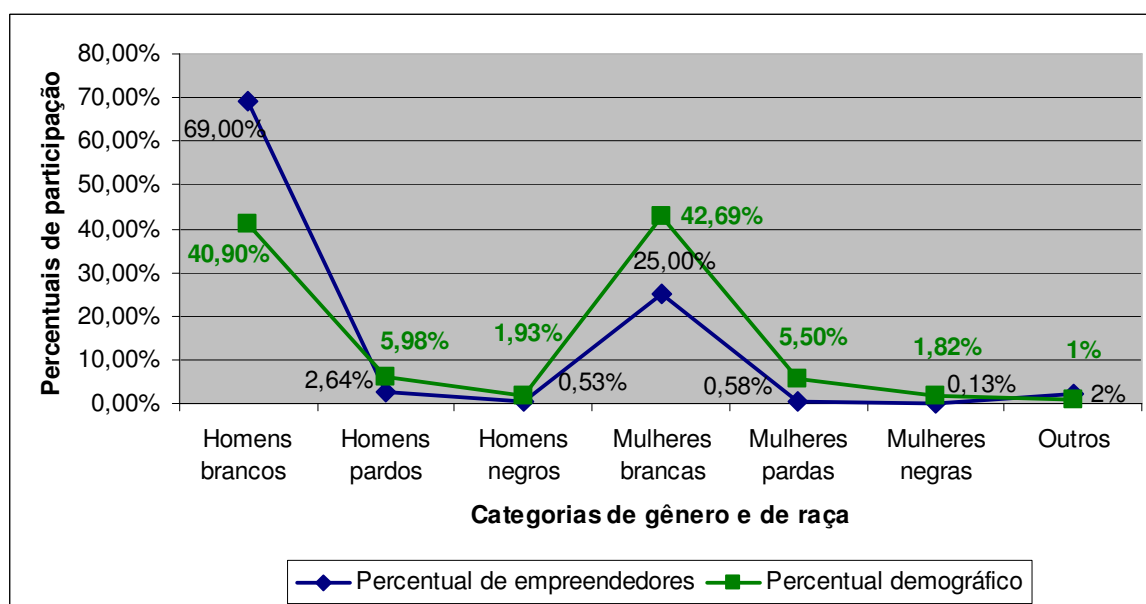


Gráfico 4 – Composição de empreendedores por gênero e raça em relação aos percentuais demográficos na região sul brasileira

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008)

Ao relacionarmos estes resultados a média de anos de estudo, pode-se perceber que a posição dos negros na estrutura social do país compromete seu preparo para atuação como empreendedores. Num estudo elaborado por Greatt e Previdelli (2007) os autores comparando

empresas que encerraram suas atividades com os que conseguiram se manter no mercado, apresentaram os segundos com nível maior de escolaridade, não colocando este fator como determinante, mas altamente influente em gestão de empreendimentos.

O estudo realizado pelo GEM (2009) também destacou que a média de anos de estudos dos empreendedores no Brasil está entre cinco e onze anos (41,1%), convergindo com o estudo de Paixão (2003). Destaca-se, neste contexto, que ao decompor estes dados em raça e etnia podemos perceber uma discrepância de anos médios de estudos entre negros e brancos.

A diferença média de anos de estudo entre brancos e negros empreendedores no Brasil é de aproximadamente três anos. Enquanto um empreendedor branco estuda, em média, dez anos, um negro estuda sete anos (PAIXÃO, 2003). Isto pode ser uma evidência de que políticas universalistas não atingem a redução das disparidades sociais entre brancos e negros no Brasil, por isso a adoção de políticas públicas específicas poderia ser uma forma de atender objetivamente esta população e tentar diminuir estas discrepâncias sociais. Num estudo sobre empreendedores negros nos Estados Unidos, também se evidenciou que esta população possui menos anos de estudos que os empreendedores brancos (HISRICH; PETERS, 2004), demonstrando evidências de convergência entre os dados sociais de negros no Brasil e nos Estados Unidos, o que também será percebido na idade em que esta população inicia seu empreendimento.

Com relação à idade média dos empregadores destacou-se, no estudo de Paixão (2003) o fato de que entre as faixas de 21 a 30 anos os negros empreendem mais que os brancos, sendo 21,4% de negros e 16,7% dos brancos empreendem nessa idade. De acordo com a pesquisa do GEM (2009) a faixa etária dos 25 aos 34 anos é quando se apresenta a maioria dos empreendedores no país. Porém, para a faixa etária acima de 51 anos a presença maior é de brancos, com 20,2% em comparação a 17,2% de negros nesta mesma faixa etária (PAIXÃO, 2003).

Isto pode ser interpretado sob as condições sociais da população negra terem melhorado para os mais jovens se comparamos aos mais velhos, no atual contexto. Assim, como a existência de redes e políticas que auxiliam os jovens negros a empreender como o projeto Consórcio Social da Juventude da Região Metropolitana de Salvador (SEBRAE, 2008). No estudo realizado nos Estados Unidos também foi evidenciado aumento da participação de jovens negros que estão iniciando seus negócios. (HISRICH; PETERS, 2004), o que representada um total de 14,5% de participação de negros neste país. (GEM, 2009).

Outro ponto interessante da pesquisa de Paixão (2003) foi apresentado quando analisados o número de funcionários que os empreendedores possuem. A maioria dos negros possui um funcionário em seus empreendimentos, no percentual de 39%, enquanto os brancos possuem em média mais de cinco funcionários, no percentual de 31%. Isto pode ser complementado ao observarmos em quais áreas estes empreendedores atuam. Os brancos, em sua maioria, atuam nas atividades de comércio em geral, enquanto os negros atuam na prestação de serviços em geral, no percentual de 25%, que em geral são empreendimentos menores.

Podemos compreender, neste contexto, que os jovens negros estão empreendendo mais, porém há necessidade de políticas públicas voltadas especificamente a esta população, tendo em vista, como nos dados referentes à educação, as políticas universalistas evidenciam não serem eficazes no combate dos desníveis sociais entre brancos e negros no Brasil. Num país, onde se busca o desenvolvimento social como um todo, é necessário à inclusão de programas com foco de atuação em suas próprias fragilidades de estrutura social, caso contrário corre-se o risco de se promover um ciclo vicioso de exclusão social.

Em muitos aspectos os estudos realizados pelo GEM (2009) convergiram com os realizados por Paixão (2003) indicando uma tendência com relação aos dados sobre empreendedorismo no país. Isso poderia significar um bom resultado, se considerarmos a melhora das condições para empreender no Brasil.

No entanto, também pode nos remeter para uma preocupação sobre a possibilidade de manutenção de certas desigualdades que este mercado apresentou. Por isso, faz-se necessário que além de pesquisas em níveis gerais ou de gênero sobre empreendedorismo, possamos estabelecer pesquisa para também monitorar e propor ações de combate às desigualdades sociais, características do Brasil, também sob este aspecto.

Os resultados do estudo de Paixão (2003), desde sua divulgação, conduziram a um debate nacional sobre programas e políticas de fomento e de fortalecimento de empreendedores negros no país, como a implementação da ANCEABRA (Associação Nacional dos Coletivos de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros) em 1999 e, mais recentemente as parcerias estabelecidas pelo SEBRAE (2008), para atuação neste setor.

6 CONCLUSÃO

Os estudos sobre empreendedorismo podem ser realizados sob diversas perspectivas, onde de acordo com a metodologia adotada poderá revelar uma face de influência de áreas como, por exemplo, da economia, sociologia ou antropologia neste trabalho e seu impacto social. Quando abordados, estes estudos poderiam ser realizados à luz de questões contextuais e, considerando especificamente no Brasil, os efeitos da estratificação social na dinâmica empreendedora no país, que apesar de já serem em alguns momentos abordados sob a perspectiva da diversidade, ainda se focam em estudos de gênero e de idade.

Neste aspecto, o estudo de Paixão (2003) demonstrou que se faz necessário compreender questões internas da área de empreendedorismo, para desse modo compreender-se como a dinâmica social influencia as relações deste setor. Desse modo, ao interpretarmos os dados do estudo do GEM (2009) com o de Paixão (2003) sobre anos médios de estudo, por exemplo, perceberemos que para o primeiro, em média, os empreendedores no país estudam de cinco a onze. No entanto, quando Paixão (2003) em seu estudo decompõe esta categoria em termos de raça ou etnia, os negros se apresentam mais próximo do limite mínimo desta categoria.

Em todas as categorias que foram possíveis discussões dos dados das três pesquisas podemos perceber que a participação dos negros é menor neste mercado, em termos quantitativos e qualitativos e, também, em termos de estudos realizados neste aspecto. Sendo assim, há evidências, a partir dos dados analisados, de que a participação de empreendedores negros na economia brasileira está restringida a uma representatividade não condizente com sua representatividade social, pois apesar de representarem aproximadamente 47% dos brasileiros (IBGE, 2008), não possuem tal participação no setor de donos de empreendimentos.

Outra evidência encontrada no estudo relaciona-se ao reflexo dos aspectos das relações étnicas brasileiras serem um obstáculo a mais aos empreendedores negros, além dos recorrentes da área, para estabelecer e manter seu empreendimento. Quando as pesquisas relacionadas a esta temática foram realizadas, as relações dos empreendedores negros com fornecedores, clientes, concorrentes ou até mesmo com funcionários, foi evidenciado que o fator etnia limita, em muitos casos, estas relações, portanto estes empreendedores acabam por

ter uma dificuldade maior de acesso a recursos financeiros.

Também podemos apreender deste aspecto que políticas universalistas de fomento ao empreendedorismo podem não alcançar plenamente as demandas desta população, tendo em vista os relatos da dificuldade de se obter financiamento de terceiros exposto pelas pesquisas. Desse modo, políticas de caráter específico a esta população poderão construir resultados mais eficazes, tendo em vista as que já foram implementadas com as mulheres e com os jovens. Neste contexto, formação de redes de empreendedores negros pode ser uma alternativa de fortalecimento de atuação desta população na economia brasileira, como a ANCEABRA (2008), onde além de auxiliar no fortalecimento das atividades de comércio no mercado interno no Brasil, auxilia na internacionalização de comercialização proveniente de seus empreendimentos associados.

O estudo também evidenciou que pesquisas sobre empreendedores negros no Brasil ainda são muito incipientes e quando ocorrem estão relacionados às questões de mercado de trabalho, faltando abordagens quantitativas e analíticas para podermos compreender como está dinâmica esta relacionada a esse importante grupo social da população brasileira.

7 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EMPRESÁRIOS E EMPREENDEDORES AFRO-BRASILEIROS (ANCEABRA). 2008. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.anceabranegocios.com.br>>. Acessado em: 30 de abril de 2008.

BARON, R.; SHANE, S. **Empreendedorismo – Uma Visão do Processo**. São Paulo: Thomson, 2007.

BIRLEY, S.; MUZYKA, D.F. **Dominando os desafios do Empreendedor**. São Paulo: Editora Makron Books, 2001.

CASSOL, W.I.L. et al. Empreendedorismo Feminino: Análise da Produção Científica da Base de Dados do Institute For Scientific Information (ISI) de 1997 a 2006. In: XXXI ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (2007: Rio de Janeiro). **Anais ... Empreendedorismo**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. (Versão integral em CD-ROM do Evento).

CUTLER, D. M.; GLAESER, E. L.; VIGDOR, J. L. The rise and decline of the American ghetto. **The Journal of Political Economy**, v.107, p.455-50, 1999.

DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1987.

FAIRCHILD, G.B. Residential segregation influences on the likelihood of ethnic self-employment. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 373-395, march 2009.

_____. Residential segregation influences on the likelihood of black and white self employment. **Journal of Business Venturing**, v.23, p.46-74, 2008.

FILION, Louis J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas da Universidade de São Paulo**, v. 34, p. 5-28, abr./jun. 1999.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. (GEM) **Empreendedorismo no Brasil: 2008** / Simara Maria de Souza Silveira Greco et al. Curitiba : IBQP; 2009.

GOMES, A.F. et al. Empreendedorismo Brasileiro: Uma Análise Conceitual a Partir da Ética

do Trabalho e da Ética da Aventura. In: VEGEPE - ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS (2008: São Paulo). **Anais**. 2008.

GREATT, L.; PREVIDELLI, J.J. O Uso do Plano de Negócios como Instrumento de Análise Comparativa das Trajetórias de Sucesso e de Fracasso Empresarial. In: MACHADO, H.P.V. (Org.) **Causas de Mortalidade de Pequenas Empresas**. Maringá: EDUEM, 2007.

HISRICH, R.D.; PETERS, M.P.; **Empreendedorismo**. Trad. Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HOANG, H; ANTONIC, B. Network-based Research in Entrepreneurship: A Critical Review. **Journal of Business Venturing**. v.18, p 165-187, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em: 14 de abril de 2008.

LEMONS, I. S.; FREGA, J. R.; SOUZA, A. Empreendedorismo étnico e desenvolvimento turístico de Treze Tílias. In: V EGEPE - ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS (2008: São Paulo). **Anais**. 2008.

LIMA, J. A. A.; LEITE FILHO, C. A. P. **Uma Perspectiva Psicológica do Empreendedorismo**. In: V EGEPE - ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS (2008: São Paulo). **Anais**. 2008.

LONGENECKER, J. Et al. **Administração de Pequenas Empresas**. São Paulo: Thomson, 2007.

MACHADO, H.P.V.; GIMENEZ, F. A P. **Empreendedorismo e Diversidade: Uma Abordagem Demográfica da Casos Brasileiros**. In: I EGEPE - ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS (2000: Maringá). **Anais**. 2000.

MASSEY, D.S.; FISCHER, M. J. How segregation concentrates poverty. **Ethnic and Racial Studies**, v. 23, p.670-691, 2000.

MITCHELL, B. C. Motives of entrepreneurs: a case study of south Africa. **Journal of Entrepreneurship**, v.13, n.2, p.168-183, 2004.

MUSTED, S. Social and ethnic desegregation in Europe: levels, causes and effects. **Journal of Urban Affairs**, v.27, p.331-348, 2005.

NKOMU, Estella M; COX Jr. Taylor. **Diversidade e Identidade nas Organizações**. In: CLEGG, S. HARDY, Cynthia and NORD, W. (Org.); CALDAS, Miguel, FACHIN, Roberto, FISCHER, Tânia (Org. versão brasileira) **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas 1998.

OLIVEIRA, D. C.; GUIMARÃES, L.O. **Perfil empreendedor e ações de apoio ao empreendedorismo: o NAE/Sebrae em questão**. In: XXVII ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (2003: Atibaia). **Anais ... Empreendedorismo**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2003. (Versão integral em CD-ROM do Evento).

PAIXÃO. M. J.P. **Destino Manifesto: Estudo Sobre o Perfil Familiar, Social e Econômico dos Empreendedores/as Afro-brasileiros/as dos anos 1990**. Programa das Nações Unidas

para o desenvolvimento, 2003.

PARDINI, D.J.; BRANDÃO, M. M. **Competências Empreendedoras e Sistema de Relações Sociais: A Dinâmica dos Construtos na Decisão de Empreender nos Serviços de Fisioterapia.** In: In: XXXI ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (2007: Rio de Janeiro). **Anais ... Empreendedorismo.** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. (Versão integral em CD-ROM do Evento).

PEDROSO, J.P.P.; MASSUKADO, M.S. **A Relação Entre o Jeitinho Brasileiro e o Perfil Empreendedor: Interfaces no Contexto da Atividade Empreendedora no Brasil.** In: In: VEGEPE - ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS (2008: São Paulo). **Anais.** 2008.

SHANE, S., VENKATARAMAN, S.. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management. Review**, v. 25, n.1, p.217–226, 2000.

SCHUMPETER, J.A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma Investigação Sobre Lucros, Capital, Crédito, Juro e Ciclo Econômico.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SERVIÇO DE APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS DA BAHIA. – SEBRAE – **Programas e Projetos.** Disponível em: <<http://www.ba.sebrae.com.br>>. Acessado em: 30 de abril de 2008.

SMITH, D.A.; LOHRKE, F.T. Entrepreneurial Network Development: Trusting in the Process. **Journal of Business Research**, v. 61, p. 315-322, 2008.

TSUI-AUCH, L. S. Unpacking regional ethnicity and the strength of ties shaping ethnic entrepreneurship. **Organization Studies**, v.26, p.1189-1216, 2005.